



## MULHERES E A CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NA COMUNIDADE FAZENDINHA NO PIAUÍ

Dayse Batista dos Santos<sup>1</sup>, Mateus Santos Machado<sup>1</sup>, Luciano Soares Laranjeira<sup>2</sup>,  
Vanda Tereza Silva da Rocha<sup>3</sup>, Diene Santos Laranjeira<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia e Produção Orgânica do IFPI- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí  
([daysebatista@ifpi.edu.br](mailto:daysebatista@ifpi.edu.br)) Campo Maior, Piauí, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

<sup>3</sup> Secretaria de Educação do Município de Fortaleza – Ceará

<sup>4</sup> Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia - IFBaiano

Recebido em: 08/09/2015 – Aprovado em: 14/11/2015 – Publicado em: 01/12/2015  
DOI: [http://dx.doi.org/10.18677/Enciclopedia\\_Biosfera\\_2015\\_257](http://dx.doi.org/10.18677/Enciclopedia_Biosfera_2015_257)

### RESUMO

A agricultura familiar no Brasil desempenha um papel importante como principal fonte de renda e de abastecimento de alimentos no mercado interno. No empenho de construir mecanismos para a autonomia social, econômica e política, as mulheres desempenham um papel essencial no conjunto da produção familiar. As agricultoras se dividem em uma jornada de trabalho ampla, combinando atividades no comércio, na casa e no trabalho agrícola. Como filhas ou esposas, as agricultoras fazem parte de uma teia complexa de interações, das quais surgem tanto a cooperação quanto as relações de poder entre elas e seus maridos ou filhos. O objetivo do trabalho foi discutir a inserção de políticas públicas que incentivem a ação feminina no desenvolvimento rural sustentável. Todos os aspectos das estratégias envolvem questões relacionadas ao gênero. Nesse trabalho, constatou-se que as políticas públicas voltadas para o fomento da agricultura familiar facilitaram não só a transição da agricultura convencional para a agroecológica, mas também a inserção das mulheres como protagonistas do processo produtivo, diminuindo as diferenças relacionadas ao gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agricultura familiar, gênero, políticas públicas

### WOMEN AND THE CONSTRUCTION OF AGROECOLOGY IN THE FAZENDINHA COMMUNITY IN PIAUÍ

#### ABSTRACT

In Brazil, Family Farming plays an important role as the main source of income for the farmers and food supply for the internal market. In order to build mechanisms for social, economical and political autonomy, the women play a pivotal role within the family production. The female farmers split themselves into a heavy workload, developing activities at the local market, the house and farming. As wives or daughters, the female farmers are part of a complex web of interactions, from which arise both cooperation and power relationships between them and their husbands and sons. This work aims to discuss how the public policies fosters the female

actions for sustainable rural development. All strategies of these policies access gender issues. In this paper, we find that the public policies aiming for family farming promotion not only facilitate the transition from conventional to agroecological farming, but also the inclusion of women as protagonists of the production processes, mitigating the gender-related differences.

**KEYWORDS:** Family Farming, gender, public policies.

## INTRODUÇÃO

A agricultura familiar no Brasil exerce um papel importante como principal fonte de renda e de abastecimento de alimentos no mercado interno. Apesar de representar uma significativa parcela na produção agropecuária nacional, os agricultores familiares ainda carecem de sistemas de produção apropriados à sua capacidade de investimento, ao tamanho de suas propriedades rurais e ao tipo de mão de obra empregada (ARMANDO et al. 2002).

Ao longo dos anos, o Estado tentou se ajustar às mudanças sofridas no espaço rural. Nesse contexto, vários esforços foram despendidos no sentido de ajustar as instituições a uma nova política para o setor, mas os resultados dessas medidas ainda não são palpáveis.

Assim, não há como estabelecer um olhar linear acerca do papel da agricultora na agricultura familiar, pois é necessário considerar as múltiplas representações sociais em que elas estão inseridas e o olhar social acerca disso.

Segundo Caporal et al (2009), o paradigma agroecológico, como um enfoque de intervenção inovador e multidisciplinar, vem sendo construído a partir de uma clara e cientificamente comprovada crise no atual modelo tecnológico e de organização da produção dominante na agricultura. Essa crise se manifesta nas múltiplas dimensões da atividade humana, inclusive no papel da mulher no desenvolvimento agroecológico; logo, sua superação depende da produção de novos conhecimentos e do progresso científico e tecnológico adaptado às circunstâncias socioeconômicas, culturais e de gênero das populações rurais.

Nesse contexto, a agroecologia, entendida como campo de conhecimento e de investigação, oferece ferramentas importantes para subsidiar a intervenção feminina em suas estratégias de promoção do desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL, 2000).

A disposição das pessoas que fazem parte da agricultura familiar mudou na busca pela permanência no campo. E, no empenho de construir mecanismos para a autonomia social, econômica e política, as mulheres desempenham um papel essencial no conjunto da produção familiar. As agricultoras se dividem em uma jornada de trabalho ampla, combinando atividades no comércio, na casa e no trabalho agrícola, buscando incrementar os rendimentos familiares, agregando valor aos produtos agrícolas com a confecção de doces caseiros, do artesanato, da venda de ovos, plantas medicinais, garrafadas, entre outros produtos.

Como filhas ou esposas, as agricultoras fazem parte de uma complexa teia de interações familiares que refletem as relações de poder entre elas, seus maridos e seus filhos. As estratégias de subsistência para erradicação da pobreza não são adaptadas para acomodar o direito hereditário das mulheres. Todos os aspectos das estratégias envolvem questões relacionadas ao gênero, no anexo de diferenças de oportunidades e de acesso aos bens entre agricultoras e agricultores, das oportunidades entre homens e mulheres.

Diante do exposto, objetivou-se discutir a importância das políticas públicas de extensão rural para a ampliação da discussão de gênero e o fortalecimento da mulher na agricultura familiar.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A Comunidade Fazendinha está situada a 16 km da cidade de Campo Maior, município do norte do estado do Piauí, e possui uma forte presença de pequenos agricultores. Lá, habitam 55 famílias, sendo que 77% dos estabelecimentos rurais são lotes de até quatro hectares, representando menos de 6% da área do território de Campo Maior. A vegetação predominante é a caatinga, e a característica é de região de transição com o semiárido, com índice pluviométrico de 900mm/ano.

No ano de 2013, foi aprovado, para atuação também nessa região, o Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia e Produção Orgânica do IFPI, pela chamada MCTI/ MAPA/ MDA/ MEC/ MPA/ CNPq nº 81/ 2013, linha 2 – instituições da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, com o apoio de parcerias institucionais, como o Instituto Federal Baiano (IFBaiano), Fetag-PI, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Campos Maior-PI, Instituto de Assistência e Extensão Rural do Estado do Piauí (EMATER-PI).

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, baseada na análise documental, pesquisa bibliográfica, entrevistas não estruturadas e observação direta. A pesquisa documental foi realizada a partir da análise de documentos oficiais e de material impresso e digital das entidades envolvidas. O levantamento bibliográfico proporcionou a fundamentação teórica das reflexões realizadas sobre as temáticas tratadas, auxiliando na análise dos resultados encontrados na pesquisa e no aprofundamento do conhecimento sobre políticas públicas, extensão rural e desenvolvimento sustentável.

A pesquisa de campo foi baseada em observações *in loco*, com visitas à comunidade, resultando na coleta de informações adicionais e complementares sobre as percepções da própria comunidade acerca das políticas implementadas.

A sistematização dos dados foi feita levando em consideração o resultado do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) aplicado. O objetivo geral do DRP foi conhecer, de forma interativa, a realidade das mulheres da comunidade Fazendinha, sistematizando suas demandas e potencialidades produtivas, sociais, culturais, econômicas e ambientais.

As ferramentas utilizadas na realização do DRP foram o Fluxograma de Produção e o Mapeamento. O Fluxograma de Produção é utilizado para identificação das inter-relações entre vários elementos de uma comunidade (como os sistemas de produção, saúde e educação), permitindo fazer uma análise geral ou específica da comunidade. Também pode ser utilizado para sistematização e análise dos dados coletados no diagnóstico e permite o levantamento de propostas.

O Mapeamento tem por objetivo a visualização espacial (recursos naturais, infraestrutura, uso da terra etc.) da comunidade. Apresenta caráter exploratório e permite uma visão geral. Além disso, possibilita a compreensão da evolução histórica, a percepção de bem estar, a identificação de grupos, a estratificação dos ambientes e a identificação de infraestrutura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as atividades iniciadas em Junho de 2014, o Centro Vocacional Tecnológico (CVT) em Agroecologia e Produção Orgânica do IFPI possibilitou o início de um processo de transição da agricultura convencional de produção à agroecológica na Comunidade. Em seguida, o programa detectou que para que existisse um processo de transição de sistemas convencionais para sistemas agroecológicos, eram necessárias linhas de apoio e fortalecimento das mulheres envolvidas no projeto. Desta forma, decidiu-se que, como as mulheres eram as maiores contribuintes para os sistemas de transição, elas mesmas seriam as multiplicadoras do projeto na comunidade. Os cursos de formação comunitária em agroecologia com as agricultoras familiares das comunidades, a implantação de áreas demonstrativas com cultivos de produção agroecológica, a aplicação de metodologias de investigação local com pilar participativo, a assistência contínua à comunidade pelos técnicos capacitados, a formação dos agricultores em relação ao gerenciamento de sua propriedade e comercialização de seus produtos, fizeram parte da proposta do projeto do CVT.

Ao longo da sua execução, o programa estabeleceu uma nova relação entre as comunidades e o papel da mulher nelas inserida, norteadas pela incorporação das demandas e potencialidades que as mulheres exerciam na agricultura familiar, com a troca permanente de experiências e informações de base agroecológica.

As atividades foram iniciadas com a aplicação do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), a fim de estabelecer uma melhor percepção acerca do Assentamento Santa Teresa, identificando limitações e potencialidades deste espaço rural. Dentre os resultados do DRP, a necessidade de acompanhamento técnico tornou-se evidente por parte das agricultoras, assim como a necessidade de conversão do sistema de produção convencional para agroecológico visando à sustentabilidade ambiental.

Sem dúvida, os resultados do DRP permitiram uma melhor visualização da equipe em relação à inserção da mulher no meio rural em estudo, assim como a participação desta na produção de alimentos, agregação de valor e comercialização de produtos agrícolas.

Após a entrega do diagnóstico para a comunidade, foi elaborada uma lista de cursos escolhidos pelas agricultoras, com base em suas realidades e interesses, e que, na medida do possível, foram integrados ao projeto, fortalecendo as ideias colocadas anteriormente por Altieri (2001). As ferramentas metodológicas são necessárias para que a participação da comunidade venha a se tornar a força geradora dos objetivos e atividades dos projetos de desenvolvimento rural sustentável.

A partir de tais resultados, seguindo a proposta do projeto, o acompanhamento técnico por partes dos profissionais do IFPI estão sendo realizados quinzenalmente, sensibilizando, a cada visita técnica, os agricultores familiares para a importância do papel da mulher na sociedade rural. No início do programa, as agricultoras tinham visitas diferenciadas, nas quais era demonstrado não só o uso adequado do seu espaço rural como um todo, mas também a apresentação de tecnologias e alternativas sociais, a fim de que melhor aproveitassem os recursos disponíveis em suas áreas. Com a concordância, por parte das agricultoras, em experimentar alternativas economicamente mais viáveis na produção agrícola e, ao mesmo tempo, a autorreflexão do seu comportamento em relação ao meio em que viviam, tornou-se evidente a importância de projetos dessa natureza.

As próprias atividades do projeto serviram como base para análise do objetivo proposto. A participação da comunidade foi valorizada, o que, segundo Veiga (1998) e Ortega (2005), é indispensável para reconhecê-la como um dos agentes coletivos do processo de desenvolvimento rural e que esta forma de atuação confere maior legitimidade e eficácia aos modelos locais de desenvolvimento.

As visitas dos técnicos à comunidade serviram de base para um modelo construtivista, no qual o diálogo e a construção do conhecimento junto com as agricultoras prevaleceram ao modelo difusionista, muito comum nos anos 80 do século passado e em algumas atividades extensionistas atuais, quando o conhecimento empírico das famílias é descartado em prol da imposição do conhecimento científico. Com isso, as agricultoras sentiram-se valorizadas e prontas para a produção e exercício de um conhecimento edificado por ambas as partes.

O início do processo de transição do sistema convencional da produção agrícola para o sistema agroecológico se deu no momento em que o programa foi apresentado à comunidade em 2014 e despertou o interesse nas famílias para que participassem de tal atividade. Com a inserção de visitas e reuniões voltadas para as agricultoras, percebeu-se que houve uma maior solidificação do programa, bem como maior participação da comunidade nos cursos de capacitação agroecológica e todas as atividades desenvolvidas, a partir do instante em que continuaram a utilizar as técnicas elaboradas.

Apesar do resultado positivo, surgiram dificuldades em se mudar para esse novo sistema de produção. Algumas famílias ainda continuam a utilizar técnicas agrícolas adquiridas ao longo das gerações, sendo que algumas delas confrontavam com o modelo proposto de agroecologia. A falta de água na comunidade, em alguns períodos do ano, também dificultou o desenvolvimento de algumas atividades, como compostagens e estabelecimento de áreas demonstrativas.

As agricultoras participantes do programa, por meio da promoção da capacitação em temas pertinentes à agricultura familiar, questões de gênero e agroecologia, desempenharam um papel fundamental no processo de transição para sistemas agroecológicos de produção agropecuária e se tornaram, assim, agentes multiplicadores.

Atualmente, observa-se uma expressiva participação da juventude camponesa, o que leva a crer que o programa pode originar uma ampliação do modelo agroecológico. No longo prazo, isso pode gerar um aumento na renda e, consequentemente, uma possibilidade desses jovens adquirirem mais conhecimento, contribuindo para que a riqueza rural, seja econômica ou cultural, seja preservada.

Constatou-se que as mulheres da comunidade em estudo tinham uma jornada de trabalho até 50% maior que a dos homens, envolvendo afazeres domésticos, cuidados com os filhos e produção agropecuária. Muitas vezes agregando valor aos produtos, como na produção de farinha, óleo de coco, salga da carne e de peixe, beijus, doces e compotas. Mesmo assim, quando eram questionadas qual o seu trabalho, elas respondiam que não trabalhavam, ou que apenas ajudavam. Ao longo de nove meses do projeto, constatou-se que 70% dessas mulheres já consideram os seus afazeres como trabalho e geração de renda:

"O fato das mulheres trabalhadoras desenvolverem atividades em duas esferas simultâneas - a doméstica e produtiva – de forma mais intensa que o homem, faz com que ela se torne mais versátil, com mais alternativas de realização da sua identidade como mulher, que não se identifica com a de ser produtivo. Sua capacidade de autopercepção como força de trabalho e de percepção do seu marido e dos companheiros as conduz ao momento da crítica e da busca de superação da exploração, por meio da busca de seus direitos, de maneira mais forte e persistente do que os homens trabalhadores" (NORONHA, 1986).

As agricultoras estabelecem relações que vão além das do espaço produtivo, pois projetam seus sonhos e expectativas sob a ótica de suas experiências e representações construídas acerca delas mesmas e do mundo. Pelo conhecimento que desenvolviam no trabalho na lavoura, conseguiam transpor espaços na definição dos rumos agrícolas, inclusive de seus companheiros, e muitas gerenciavam sozinhas suas terras. Como ressalta Silva (2008), “ainda que tenhamos uma estrutura patriarcal e uma diferenciação clara acerca dos papéis sociais assumidos por cada um, a mulher consegue construir formas heterogêneas de lidar com isso e não pode ser vista apenas como a explorada ou a dominada, como é tão comum em produções que ao longo do tempo vêm discutindo gênero e campo”.

## CONCLUSÕES

Esse trabalho trouxe elementos que podem contribuir para o entendimento das questões de gênero nas comunidades rurais. Porém, a maioria das políticas públicas é planejada de forma vertical, sem a participação do público interessado, marcadas pela inadequação à realidade a ser trabalhada. Portanto, faz-se necessária a valorização do potencial endógeno das mulheres envolvidas, a fim de contribuir para um melhor desempenho desses projetos, com políticas públicas que percebam a agricultora para além da oprimida, reprimida e dominada, para além do complemento do homem, situando-a como sujeito histórico e protagonista de sua vida.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 3.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2001.

ARMANDO, M.S.; BUENO, Y.M.; ALVES, E.R.; CAVALCANTE, C.H. **Agrofloresta para Agricultura Familiar**. Circular Técnica 16, CENARGEN - Embrapa, Brasília, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Perspectivas para uma Nova Extensão Rural. Porto Alegre, 2000.

CAPORAL, F. R.; RAMOS, L. F.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G.; CAPORAL, D. S.; GREGOLIN, A. C. **Extensão Rural e Agroecologia**: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Brasília: 2009.

NORONHA, O. M. **De Camponesa a madame**: trabalho feminino e relações de saber no mundo rural. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

ORTEGA, A. C.; MENDONÇA, N. C. Estratégias de desenvolvimento territorial rural: governo FHC X governo Lula. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 43., 2005. Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto, 2005. Disponível em:<  
<http://www.sober.org.br/palestra/2/792.pdf>> Acesso em: 12 set. 2015.

SILVA, M. F. S. et. Al. **Os múltiplos papéis assumidos pela mulher no contexto de agricultura familiar**: o caso das trabalhadoras rurais da Quitéria (Rio Grande - RS). In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder: Florianópolis, 2008.

VEIGA, J. E. **Diretrizes para uma Nova Política Agrária**. In: LEITE, P. S. (Org.). Reforma agrária e Desenvolvimento Sustentável, Brasília: MDA, 2000.